

O Discipulado Cristão - Estudo 12

Elaborado por Leandro Abrantes
estudosmec@pibrij.org.br

Discipulado Cristão nas Cartas de João *(1Jo 1-5; 2Jo; 3Jo)*

Há quem diga que “crente não peca”, no entanto, essa afirmação vai diametralmente contra o que nos ensina a Palavra em 1Jo 1.8. Na verdade, qualquer pessoa que diga que não peca já está pecando por mentir. Nesse sentido, um dos perigos enfrentados pelo discípulo é o da arrogância de se crer “impecável”. Através disso, há outro perigo, igualmente nocivo, que é o do perfeccionismo inatingível. Se a arrogância pode nos levar a menosprezar nosso irmão, o perfeccionismo nos leva a um profundo desânimo frente ao pecado. Nenhuma dessas visões encontra respaldo na Bíblia. Deus não exige sadicamente de nós algo que não possamos cumprir, mas nos capacita – pelo Espírito Santo – a vencer o pecado. E mesmo que pequemos, temos em Jesus um advogado perante o Pai. Nesse contexto, nossa confissão dos pecados constitui um ato de reconhecimento, autoconhecimento e libertação. Quando confessamos nossos pecados ao Senhor, reconhecemos nossas falhas e limitações, conhecemos melhor a nós mesmos e somos libertos, pelo perdão recebido, da acusação do inimigo.

Podemos dizer com segurança que o discípulo de Cristo é marcado não pela culpa, pela acusação ou pela escravidão do pecado, mas, ao contrário, pela vitória sobre ele. O discípulo de Cristo tem em seu Mestre

um intercessor, que, sendo justo, entregou sua vida como propiciação pelos nossos pecados. Além disso, outra característica importante do discípulo é o amor que expressa sua obediência a Deus e aos seus mandamentos. A ordem para amar os outros é, ao mesmo tempo antiga e nova. É antiga, porque já em Lv 19.18b, lemos “ame cada um o seu próximo como a si mesmo”. E é nova porque o próprio Jesus afirma, em Jo 13.34-35: “Um novo mandamento lhes dou: Amem-se uns aos outros. Como eu os amei, vocês devem amar-se uns aos outros. Com isso todos saberão que vocês são meus discípulos, se vocês se amarem uns aos outros”. Na igreja cristã, o amor não é apenas expresso através de demonstrações de respeito; é também expresso através da abnegação e da atitude de servir (Jo 15.13). De fato, pode ser definido como uma “doação abnegada”, alcançando, além dos amigos, os inimigos e os perseguidores (Mt 5.43-48). O amor deve ser a força unificadora e a marca identificadora da comunidade cristã. O amor é a chave para andarmos na luz, porque não podemos crescer espiritualmente enquanto odiamos os outros. O nosso relacionamento com Deus resulta no crescimento de nosso relacionamento com as outras pessoas¹.

Tanto na igreja do primeiro século, à qual João escrevia, como na de hoje, o discípulo de Cristo deve estar

preparado para discernir dentre os líderes e ensinadores que se apresentarem, aqueles que porventura estiverem pregando e ensinando doutrinas contrárias a Cristo. É nesse contexto que João usa o termo “anticristos”, com o sentido de indivíduos que se opõem a Cristo, negando e modificando as palavras do Mestre. Devemos sempre analisar os ensinamentos recebidos à luz da Palavra de Deus, a fim de identificarmos – e rejeitarmos – as falsificações e invenções anticristãs.

Outro assunto abordado por João em suas cartas é o da vida cristã. Muitos crentes têm dúvidas acerca do lugar das obras na vida cristã. Qual seria a sua importância. Dependeria delas a nossa salvação? A Bíblia é clara ao afirmar que a salvação é pela graça, e que não há obras pelas quais alguém possa alcançar a sua salvação por mérito. No entanto, as obras fazem parte da vida do crente, pois são um reflexo da sua fé! Ao contrário do que muitos pensam, a fé cristã não é uma construção meramente intelectual dissociada da vida prática: a fé sem obras é morta². Por essa razão, o cuidado com a sã doutrina (*ortodoxia*³) deve vir acompanhado de zelo no testemunho cristão (*ortopraxia*⁴), ou seja, teologia e prática cristã devem andar de mãos dadas. E João expressa essa verdade associando a fé à prática do amor cristão, que, por sua vez, advém da obediência aos mandamentos de Jesus.

A importância do testemunho cristão fica ainda mais patente na terceira carta de João. Vemos Diótrefes e Demétrio, dois indivíduos com posturas bem distintas. Diótrefes, que queria controlar a igreja local da sua comunidade, dava mau testemunho, pelo fato de sua prática cristã não condizer com a fé na sã doutrina. Sua conduta era, portanto, marcada por heteropraxia⁵, isto é, o famoso ‘faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço’. João denunciou (1) sua recusa a relacionar-se com os outros líderes espirituais, (2) sua atitude de caluniar os líderes, (3) seu mau exemplo ao recusar receber colaboradores e (4) sua tentativa de excluir aqueles que se opunham à sua liderança. Infelizmente, pecados como o orgulho, o ciúme e a calúnia ainda estão presentes na Igreja. Se algum líder criar o hábito de encorajar o pecado e desencorajar as ações corretas, deve ser disciplinado, afinal “Um verdadeiro líder cristão é um servo, não um autocrata!”⁶ De modo bem diferente, Demétrio constituía um bom exemplo para Gaio, uma vez que “todos davam bom testemunho dele”. Como discípulos de Cristo, estamos expostos, em nossa caminhada, a inúmeros exemplos. Não podemos nos deixar influenciar por pessoas – especialmente líderes – cuja conduta se distancie da Palavra, cujo ensino esteja dissociado de suas ações e cujo testemunho não esteja calcado no amor e no serviço.

¹ BÍBLIA. Português. Bíblia de Estudo Aplicação Pessoal. Rio de Janeiro: CPAD, 2003:1783.

² Tg 2.26

³ gr. ὀρθοδοξία, ‘doutrina correta’.

⁴ gr. ὀρθοπραξία, ‘conduta correta’.

⁵ ἕτερος + πράξις, ‘Conduta diferente da que se estabelece como correta’.

⁶ Op.cit. p. 1795.